

# Notas preliminares sobre o marxismo crítico de Daniel Bensaïd

Deni Ireneu Alfaro Rubbo\*

**Resumo:** O presente artigo se constitui numa pesquisa preliminar sobre o itinerário teórico e político do filósofo francês Daniel Bensaïd (1946-2010). Nessa medida, destacaremos alguns pontos teóricos que exerceram uma influência bastante significativa na constituição de seu projeto teórico-crítico em um contexto marcado pela aceleração da reestruturação produtiva do capitalismo contemporâneo.

**Palavras-chaves:** *teoria marxista, trajetória intelectual, Daniel Bensaïd.*

**Abstract:** This article is a research about the theoretical and political journey of the French philosopher Daniel Bensaïd (1946-2010). As such, we will highlight some theoretical points that have had a very significant influence in the formation of his critical-theoretical project in a context marked by the acceleration of productive restructuring of contemporary capitalism.

**Keywords:** *marxist theory, intellectual history, Daniel Bensaïd.*

---

\* Mestrando em Sociologia pela FFLCH – USP.

“O projeto de superar o marxismo provavelmente não faz muito sentido nem tem muito futuro, porque o marxismo é a concepção de mundo que ultrapassa a si mesma.”

Henri Lefebvre (2009, p. 123, grifos do autor).

Um estudo preliminar sobre o que constitui a força e o interesse do marxismo crítico de Daniel Bensaïd (1946-2010) conduz-nos ao contrário dos sistemas fechados, para uma aventura intelectual que permite entrever um marxismo renovado, crítico e autocrítico, enriquecido e aprofundado pelos “marxismos” que deslizaram no “longo” século XX. Como veremos, há em Bensaïd o esforço em atualizar permanentemente o presente através dos nexos entre memória e política tendo como uma de suas características centrais um *desvio* pela história, e evidenciar sua espessura social e política, os conflitos subterrâneos, as relações de forças, medidos na particularidade de cada momento específico. Nesse sentido, uma apresentação resumida da trajetória do autor<sup>1</sup> nos parece bastante pertinente – e necessária - pois visa fornecer quais são suas fontes teóricas no interior do marxismo a fim de tracejar algumas hipóteses sobre qual a sua concepção de história que seja central na constituição de sua obra.

Bem entendido, o contexto que marca a referente obra de Bensaïd – e sua ação política – tem seu início nos meados dos anos 60 estendendo-se até os dias atuais<sup>2</sup>. Sua *démarche* será dividida provisoriamente em três fases:

1) os anos 60: a militância e a sua intensa experiência política, os primeiros estudos, culminando no maio francês de 68;

2) os anos 70 e 80: cuja constituição é marcada pela continuação da uma militância ativa, atuando em diversas análises conjunturais

---

<sup>1</sup> Cf. *Une lente impatience*, livro escrito em 2004, pelo filósofo francês. Trata-se de uma autobiografia, de uma trajetória pessoal revelando “os avatares intelectuais e políticos de uma geração”.

<sup>2</sup> No dia 12 de janeiro, em Paris, do corrente ano de 2010, faleceu Daniel Bensaïd.

sendo que, no plano teórico, valorizara - além da análise política - outras fontes temáticas principalmente o romantismo revolucionário e o assim chamado “pós-estruturalismo” francês;

3) Por fim, dos anos 90 até sua morte: aqui ascende a um grau maior de sua produção em relação às suas duas fases anteriores, com uma temática bem variável (mundo do trabalho, os espaços jurídicos, vida cotidiana, os problemas sócio-ambientais, filosofia contemporânea, etc.) marcada pelo presente pós-moderno e que terá como “ponto de inflexão” a leitura sobre a concepção de história em Walter Benjamin<sup>3</sup>.

Esta proposta de periodização procura apenas mapear sua trajetória intelectual para, em seguida, oferecer elementos para a determinação dessas rupturas-continuidades contidas na evolução de Bensaïd. A transição de um período para outro está dotado de um movimento e fluidez, de linhas de diferenciação e de ampliação temática, mantendo um núcleo fundamental básico: o enriquecimento e aprofundamento perpétuos do marxismo não como um sistema e sim como uma “teoria aberta do conflito” (BENSAÏD, 1999).

## 1. Os avatares do jovem Daniel Bensaïd

De origem argelina, Daniel Bensaïd nasceu em 1946, em Toulouse, na França. Inicia uma vida de militância política logo cedo, entrando com 16 anos no Partido Comunista Francês (PCF), em 1962. Em seguida é expulso do PC francês, em 1965, e funda a Juventude Comunista Revolucionária francesa (JCR)<sup>4</sup>. Torna-se um dos participantes mais

---

<sup>3</sup> No final do texto, em anexo, segue uma lista das principais obras de Daniel Bensaïd organizada conforme a periodização aventada por nós.

<sup>4</sup> Nas palavras do próprio Bensaïd (2008, p. 85): “tínhamos sido expulsos do PC em 1965, de certa maneira, felizmente, por duas razões: de um lado, criticávamos o PC (havia aderido a ele, por causa da Guerra da Argélia), porque ele tinha sido pouco atuante contra a guerra da Argélia, pouco solidário com os argelinos e ainda menos atuante contra a guerra do Vietnã; em segundo lugar, (...), porque ele tinha apoiado a candidatura de François Mitterrand para as eleições presidenciais em 1965, em vez de lançar candidato próprio; e em terceiro lugar, (...) criticávamos o PC por seus traços conservadores, pois se havia um conservadorismo de direita, uma tradição paternalista e patriarcal, que gerou o gaullismo, existia também isso à esquerda no PC”.

ativos nas convulsões estudantis de maio de 68. No ano seguinte, escreve e publica (com Henri Weber) uma análise sobre os acontecimentos de 68: *Mai 1968, uné répétition générale* apresentando ali uma nova geração de militantes revolucionários como críticos tanto do capitalismo ocidental (e da social-democracia) quanto dos modelos dos partidos comunistas burocratizados. Após a fusão da JCR com o Partido Comunista Internacionalista, em 1969, que deu origem à Liga Comunista Revolucionária (LCR), Bensaïd torna-se dirigente político dessa tendência ingressando nas fileiras da IV Internacional. Nessa época também exerce a função de redator da revista semanal *L'Express*, veículo que passou a exercer grande influência na juventude de esquerda em razão de suas posições anticolonialistas, denunciando as torturas praticadas pelo exército francês durante a Guerra da Argélia. Em 1964, o *L'Express* adotou um modelo de revista semanal de informação, semelhante a *Der Spiegel* e *Time*. Essa profunda mudança provocou a saída de alguns redatores como Jean Daniel – incluindo Daniel Bensaïd e André Gorz - que retorna ao *France Observateur* para transformá-lo em *Le Nouvel Observateur*. Também nessa época, Bensaïd inicia os primeiros passos na vida acadêmica: Daniel é estudante de filosofia pela Universidade de Paris X, na periférica Nanterre. Em 1967 inicia seu mestrado, com a orientação de Henri Lefebvre<sup>5</sup>, sobre a noção de crise revolucionária em Lênin.

---

<sup>5</sup>Segundo Perry Anderson (2004, p. 165), Lefebvre seria uma “honrosa exceção” do assim chamado marxismo ocidental diante da “ressaca” de 68 em que Althusser e outros passaram a alimentar “uma crise geral do marxismo”. Assim, como sobrevivente da tradição marxista ocidental, o filósofo francês manteve uma produção “imperturbável e original sobre temas tipicamente ignorados por boa parte da esquerda” (os trabalhos sobre o urbanismo, a produção do espaço e do cotidiano na reprodução social são apenas alguns exemplos da vasta produção lefebvriana) com o “preço” de um relativo isolamento.

## 2. A segunda fase: marxismo, romantismo e pós-estruturalismo

A militância profissional ao lado da produção intelectual, nos anos 70 e 80, colocar-lhe-á em sintonia com três temas que se relacionam entre si marcados pelo contexto específico vivido pelo autor: 1) como militante de tradição trotskista assenta-se principalmente nas questões teóricas sobre estratégia revolucionária e organização política; 2) sua formação filosófica, via Lefebvre, que o levará à leitura de uma corrente marginalizada pelo marxismo oficial: trata-se do romantismo, do qual Lefebvre, naquele momento, parece ser um representante solitário dessa constelação política<sup>6</sup>; 3) o contexto intelectual francês encontrar-se-á no auge do debate do pós-estruturalismo provocando uma influência intensa no filósofo francês. Isso, bem entendido, em um contexto mais geral no qual começam a se destacar os primeiros passos do assim chamado capitalismo “pós-fordista” consubstanciado pelas intensas metamorfoses nas várias esferas da vida social.

O primeiro tema trata de uma óbvia continuação de sua experiência eminentemente política nos anos 60. Como teórico da LCR lança-se aos debates conjunturais de seu presente, como nos informa Leite (2000): “nos anos 70 e 80 [Bensaïd] dedicou grande parte de suas energias à militância profissional na Liga Francesa e na Quarta Internacional, acompanhando de perto os principais episódios revolucionários na Europa e na América Latina”. O grande debate na esquerda internacional nos anos 70, no contexto mais amplo da Guerra Fria, principalmente levado a cabo pelos partidos comunistas europeus que iniciavam um processo de debate com o intuito de articular uma

---

<sup>6</sup> Tal como sugere o sociólogo Michel Löwy (2008, p. 32-33), um dos componentes do “espírito de 68” seria o *romantismo revolucionário* cujos fundamentos associariam um tripé composto entre subjetividade, desejo e utopia dirigindo-se a uma crítica radical da “civilização industrial-capitalista moderna”. Em nome de valores sociais e culturais do passado pré-modernos, essa constelação – cujos nomes na década de 60 são Henri Lefebvre, Guy Debord, Hebert Marcuse e Ernst Bloch - não apregoaria “um *retorno*, mas um *desvio* pelo passado em direção ao futuro” combinando, assim, crítica marxista e crítica romântica. Para maiores informações sobre a conceitualização do romantismo cf. LÖWY (1995).

“terceira via”, isto é, uma tentativa de construir um posicionamento político distinto daquele do “socialismo realmente existente”. Com base nisso acompanha o debate sobre o eurocomunismo feito principalmente pelo Partido Comunista Italiano (PCI), cuja importância era indiscutível para a esquerda, por se tratar da maior entidade política em termos de filiação partidária.

Paralelamente, sua leitura teórica política se abastace de uma literatura bastante conhecida: Marx, Lênin, Trotsky e Gramsci. A leitura anti-dogmática e *aberta* aponta para uma leitura cuidadosa, que leva em conta as tragédias nas quais o século XX foi “pródigo”, indicando um ponto comum entre os autores - mesmo com graus desiguais - que é essencial para sua concepção da *política* como *prática do conflito*. Sublinha em Marx os escritos políticos, mas não os isola em um determinismo político: “os escritos políticos sobre a luta de classes na França, a colonização inglesa na Índia, as revoluções espanholas, a Guerra de Secessão, são por certo mais úteis que as especulações lógicas” (BENSAÏD, 2009a). Quanto a Lênin, tenta reabilitá-lo como um “autêntico pensador da política em ação, nas contradições e nos limites de um época” (*Idem*, 2000, p. 178). Ele encontra em seus textos indicações preciosas sobre representação, organização e estratégia para pensar o tempo político como um lugar profano de uma possível elaboração estratégica, uma aparição cujo “desenlace é decidido nos termos específicos da luta política”. Essa concepção estaria também nos textos de Trotsky e Gramsci no sentido de conceberem a política não como um alicerce puramente científico, mas como “arte particular da iniciativa e do movimento, da delimitação e da combinação de forças”. É a partir dessa exegese do político que Bensaïd se vale do enfrentamento ácido tanto aos postulados da burocracia stalinista e seus correlatos como ao capitalismo contemporâneo. Bensaïd, portanto, não se situa com as concepções rígidas do “marxismo ortodoxo” e muito menos do assim chamado “marxismo ocidental” (ANDERSON, 2004), pois ele enfatiza, ao contrário desse último, estabelecer uma *relação estreita* entre teoria socialista e a prática proletária.

O segundo ponto assinalado está na influência de Henri Lefebvre. Tudo leva a crer que a aproximação acadêmica e teórica é considerável

na obra de Bensaïd<sup>7</sup>. Por exemplo, Lefebvre considera que uma das condições primordiais do marxismo é o dever e a necessidade em dialogar com o momento presente. O marxismo seria também uma “concepção de mundo *que se ultrapassa a si mesma*” (LEFEBVRE, 2009, p. 123), isto é, ele é um movimento de crítica e autocrítica permanente para cada época e para cada momento específico e uma concepção de mundo que é entendido não forçosamente como obra deste ou daquele pensador: “ela é acima de tudo a obra e a expressão de uma época” (*Idem*, 2009, p. 10). Daí também dialogar com outras frentes teóricas, pois há necessidade de se entender o presente de uma época específica como condição imprescindível para uma melhor precisão crítica, na tentativa de estabelecer indicações, resolver e ultrapassar as contradições do mundo. Dito isso, só assim para o entendimento do movimento dialético como *um conjunto que envolve todas as dimensões da vida humana e criador permanente de condições revolucionárias possíveis*. É neste movimento que o projeto de Bensaïd vai se constituindo, não como um sistema, mas como um desatador de fios enroscados, de temporalidades repletas de fraturas, que se particularizam, em cada momento específico, no conjunto da vida social. A vida cotidiana, por exemplo, tão distanciada pelo materialismo histórico – e um dos temas preferidos de Lefebvre – se faz pertinente, sendo assumida como uma manifestação contraditória da produção e reprodução do capital.

---

<sup>7</sup> Por exemplo, em 1969, Bensaïd e Alain Nair (1969) redigem um texto abordando a noção estratégica de “crise revolucionária”. No juízo desses autores, a compreensão teórica do conceito de crise revolucionária em Lênin - e sua manifestação política - implicam em dois tipos de sujeitos: o *sujeito teórico* como condição de possibilidade da ordem social e o *sujeito político* que se constitui na organização, isto é, em um sistema proposto que é necessariamente lógico com relação ao *princípio*; enfim, um movimento de “reciprocidade condicional das premissas” como lembrava Trotsky. Além disso, os períodos (cíclicos) de crise econômica não significam necessariamente um período de crise revolucionária. Para Lênin, uma crise econômica sem as “forças sociais (o sujeito político) implicadas a ela” é uma condição que pode ser sanada pelo mecanismo de autoregulação que o sistema capitalista engendra (por exemplo, a “solução” keynesiana frente aos desastres econômicos da crise de 29). Concluem que tal formulação pertence a uma temporalidade política de *algebralização* da luta de classes; uma condução ao acesso da estratégia indissociável ao de uma estratégia de construção de uma organização revolucionária. Esse é o ponto central, mas o curioso desse ensaio – e aí a influência de Lefebvre – é que a política é vista como um momento específico de uma temporalidade específica que possui um ritmo nem sempre

O último ponto é a influência sobre os filósofos do pós-estruturalismo, a começar pelo próprio marxismo estruturalista francês. Segundo Andrés Lund (2009) “seu marxismo não deixou de ser impactado pelo estruturalismo francês: apesar de polemizar com Althusser (e participar de um livro contra suas teorias), o retoma quando começa a desmontar a História Universal iniciada por Marx e a substitui por um processo sem sujeito e sem fins”. Em relação ao pós-estruturalismo, amplia a questão do poder em Foucault em *La révolution et le pouvoir*<sup>8</sup>, valorizando a crítica desconstrutivista de Jacques Derrida e os desenvolvimentos de Gilles Deleuze<sup>9</sup>. Os autores, apesar de se mostrarem bastante céticos em relação ao materialismo histórico (lembremos que estamos no auge de uma das “crises do marxismo”), em detrimento de um discurso metafísico, sublinham a importância de uma volta a Marx, embora isso não faça com que Bensaïd deixe de abrir uma ácida polêmica com todos eles.

Ainda de maneira bastante provisória, podemos concluir que esse segundo período da trajetória do autor – que ocupa a década da recessão, isto é, os anos 70 e 80, as dimensões política e filosófica se interagem mutuamente. Ou seja, a produção de Daniel Bensaïd não se restringe à política e seus enlances conjunturais, mas os mantém em estreita conexão com a reflexão teórica.

---

igual às relações sociais. Estratégia, crise e política se somam às desordens dos ritmos produzindo efeitos conflitantes. Lefebvre (*apud* Bensaïd, 2000, p. 188) diz que toda desordem “pode também produzir um buraco no tempo, a ser preenchido por uma invenção, uma criação. O que acontece, individualmente, passando por uma crise”.

<sup>8</sup> Curiosamente essa sua aproximação crítica frente ao que se debatia, na década de 70, no ambiente intelectual francês, depois de quase 30 anos, parece ter ecos ainda profundos. O debate a respeito de *Mudar o mundo sem tomar o poder*, de John Holloway, livro lançado em 2002, insinua exatamente que algumas das hipóteses de Holloway estariam plantadas no pós-estruturalismo: “Há algo fundamentalmente errado no conceito de revolução centrado no poder’. Mas o que? Faz muito tempo que Foucault passou por ali. Eu mesmo escrevi há mais de vinte anos um livro intitulado *A revolução e o poder* centrado na idéia de que o poder do Estado deve ser destruído e que ‘as relações de poder’ devem ser desfeitas (ou desconstruídas). A questão não é nova.” (Bensaïd, 2006). Para maiores informações em torno do debate de Bensaïd em relação às proposições de Holloway, cf. RUBBO (2010).

<sup>9</sup> Dentre os filósofos que viriam compor a corrente teórica do pós-estruturalismo Daniel Bensaïd tem uma clara aproximação com Jacques Derrida, pois considera que, em sua trajetória, houve uma passagem de um discurso metafísico para um sentido político em sua obra. Cf. Bensaïd (2009, p. 341-352).



### 3. O terceiro período: a leitura de Walter Benjamin

A terceira fase constitui um “ponto de inflexão” na trajetória do filósofo francês: a leitura de Walter Benjamin, resultando na publicação de *Walter Benjamin sentinelle messianique*:

*Aí, Bensaïd procura fundamentar uma concepção de história distinta da dominante na tradição marxista, onde o socialismo nadaria a favor da corrente com a acumulação de capital e o desenvolvimento da técnica e das forças produtivas. O autor de Paris, capital do século XIX extraiu da obra de Marx uma concepção de ruptura forçada com uma história que caminha para a catástrofe, trajetória contra a qual o seres humanos podem e devem se rebelar (LEITE, 2000, p. 99-100).*

A desconfiança na expectativa socialista do futuro é substituída pelo esforço em mergulhar nas tramas do passado revelando, por assim dizer, a forma temporal moderna como prisão infernal – uma “gaiola de aço” na expressão célebre de Max Weber - e a denúncia da fé no progresso atribuída tanto ao socialismo oficial quanto ao capitalismo moderno. Bensaïd (1990, p. 43) observa também as afinidades de Benjamin com Blanqui compartilhando – e reivindicando - uma “*concepção melancólica da história*”, baseada na visão infernal da eterna volta das derrotas. É desse modo que essa concepção vem consubstanciar a sua concepção política como “arte da estratégia”: para Bensaïd o homem político profano é aquele que vê a urgente necessidade de apostar e está “condenado a desenvolver (...) um combate fundamentado em certezas sempre relativas, obrigado a tomar decisões capitais sobre a base de dados forçosamente incompletos, a fazer escolhas simplificadas para desembrulhar situações complexas” (Bensaïd, 1999a, p. 48).

Nesse sentido, outro exemplo bastante revelador é o livro *Le Pari Melancolique* (Bensaïd, 1997). O livro, lançado pouco tempo depois de *Marx, o intempestivo* é desdobrado pela oposição contemporânea entre uma temporalidade do capital, que é o aceleração da mundialização e dos canais especulativos/financeiros e a temporalidade dos ecossistemas que estão agravando-se frente a uma produção técnica

avassaladora. Em seguida, desenvolve o conceito de *profecia*. Ela tem um sentido bastante específico: não é uma expectativa passiva nem – como nos oráculos – uma previsão de um futuro já garantido<sup>10</sup>. Ela é uma *aposta* histórica que sob hipótese nenhuma assegura a vitória. Por que a aposta é *melancólica*? Porque todos os revolucionários como Benjamin, Trotski, Péguy, Blake, Guevara, Debord, Blanqui – todos amplamente citados pelo autor – encarnaram a *consciência do perigo* (e/ou “uma consciência infeliz”, nas palavras de Pierre Bourdieu) em suas vidas; os revolucionários são melancólicos porque sabem que uma derrota é um desastre provável, e também porque compreendem que não verão a vitória, pois as escolhas (amorosas, estéticas, revolucionárias) se fazem em hipóteses estratégicas. Negam qualquer otimismo de um futuro radiante que necessariamente chegará e um pessimismo paralisante; “os revolucionários apostam com melancolia e lucidez, lutam, resistem a essa derrota, a esse desastre, a esse mundo” (LUND, 2009).

Por fim, em certa medida, esse traço crítico em relação às engrenagens de um progresso linear será matizado pelo autor em assuntos nos anos que se seguem. Com efeito, durante os anos 90 até sua morte, inicia-se uma produção acelerada. Uma vontade em que o dizer, isto é, as próprias palavras emanadas pelo autor assumem uma literalidade incomum no léxico marxista, uma escrita que ao menos intenta restituir uma narrativa do acontecimento, as bifurcações da história que ficam em escanteio frente à história oficial. A comparação a um profeta (não em seu sentido religioso e, sim, no seu sentido profano) que tem pressa em parar o trem, aquele no qual a sociedade capitalista contemporânea caminha rumo à catástrofe, para ficarmos na expressão alegórica de Benjamin, não é um exagero. Trata-se de uma corrida contra o tempo, de um “alarme de incêndio”, tanto em termos pessoais (Daniel era portador de HIV) quanto em termos de uma humanidade que caminha para a “barbárie moderna”.

---

<sup>10</sup> Em resenha sobre o livro aqui aludido, Michel Löwy assegura que essa profecia com a qual comunga Bensaïd “é uma antecipação condicional, que procura conjurar o pior, mantendo aberto o leque de possíveis” (LÖWY, 2000, p. 269).

## 4. Conclusão

Nosso interesse, por ora, é uma apresentação bastante sumária da trajetória de um dirigente político e de um filósofo contemporâneo que penetrou em temáticas bem amplas ao longo de sua vida. A militância ativa desde sua época de juventude até sua morte não é algo que deva ser superado, e sim algo que deva ser ampliado e aprofundado. Em certa medida, isso permitiu a Bensaïd formular um projeto teórico-crítico que se alia permanente à política - e, desse modo, problematizar no seio marxista o *retorno da estratégia*, desaparecida depois de Gramsci - enriquecida com a análise das desilusões do século XX. As reflexões preliminares traçadas aqui sucintamente acerca do marxismo-crítico de Bensaïd o coloca na esteira de um tipo de olhar renovado que buscou, a todo momento, e, principalmente, nas metamorfoses sociais do presente, libertar o marxismo dos transtornos do positivismo e cientificismo dominantes e, também, do stalinismo. Para terminar, é a pena de Löwy que sintetiza a singularidade da obra e de seu amigo Bensaïd: longe de ser uma obra sistemática, apesar das aparências, trata-se de “uma profusão estonteante de idéias que faz a riqueza do todo” (LÖWY, 2000a: 263).

## Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental/ Nas trilhas do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2004.

BENSAÏD, Daniel. *Elogio de la política profana*. Barcelona: Península, 2009.

- \_\_\_\_\_. “Tiempos históricos y ritmos políticos”. In: Revista *Herramienta*, ano XIII, nº 40, 2009a. Disponível em <[www.herramienta.com.ar/](http://www.herramienta.com.ar/)>. Acesso: 25/08/2009.
- \_\_\_\_\_. “Maio de 68: uma página na história mundial de lutas”. In: *Revista em Pauta*, UERJ, nº21, 2008, p.81-99.
- \_\_\_\_\_. *Une lente impatience*. Paris: Éditions Stock, 2004.
- \_\_\_\_\_. “Gritos y escupitajos: doce observaciones – más una – para continuar el debate con John Holloway”, 2006. Disponível em: <[www.vientosur.info/](http://www.vientosur.info/)> Acesso: 20/07/2009. Traduzido do original francês por Marita López, revisado por Carlos Cuéllar: Publicado na revista *Contretemps* (Paris), nº. 8, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Lênin, ou a política do tempo partido”. In: LÖWY, Michel; BENSAÏD, Daniel. *Marxismo, Modernidade e Utopia*. São Paulo: Xamã, p.177-191, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Quem é o Juiz? Para Acabar com o tribunal da história*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999a.
- \_\_\_\_\_. *Le Pari mélancolique: métamorphoses de la politique, politique des métamorphose*. Paris: Fayard, 1997.

\_\_\_\_\_. *Walter Benjamin sentinelle messianique: à la gauche du possible*. Paris: F. Maspero, 1990.

\_\_\_\_\_. *La révolution et le pouvoir*. Paris: Stock, 1976.

\_\_\_\_\_; NAIR, A. "A propósito del problema de organización: Lênin y Rosa Luxemburg". In: *Teoria Marxista del Partido Político II*, México: Cuadernos del Pasado y presente, p. 9-40, 1969.

LEFEBVRE, Henri. *Marxismo*. Porto Alegre: Lp&m, 2009.

LEITE, José Corrêa. "Um marxismo para nosso tempo". In: LÖWY, Michel; BENSAÏD, Daniel. *Marxismo, Modernidade e Utopia*. São Paulo: Xamã, p.7-24, 2000.

LÖWY, Michel. "O romantismo revolucionário dos movimentos de maio". In: *Margem Esquerda*, nº11, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. "Enigma e melancolia da aposta melancólica". In: LÖWY, Michel; BENSAÏD, Daniel. *Marxismo, Modernidade e Utopia*. São Paulo: Xamã, p.268-271, 2000.

\_\_\_\_\_. "Marx, a aventura continua". In: LÖWY, Michel; BENSAÏD, Daniel. *Marxismo, Modernidade e Utopia*. São Paulo: Xamã, p.263-267, 2000a.

\_\_\_\_\_ & SAYRE, R. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LUND, André. “Daniel Bensaïd y el fantasma del comunismo”. In: *Viento Sur*. Disponível em: <www.vientosur.info>. Acesso: 02/03/2009.

RUBBO, Deni Ireneu Alfaro. “As veias abertas: acerca do debate em torno de *Mudar o mundo sem tomar o poder de John Holloway*”. In: *Aurora*, UNESP/ Marília (Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência Sociais), ano III, nº 5, p.90-100, 2010.

## ANEXO: Obras de Daniel Bensaïd<sup>11</sup>

### 1o. período:

*Mai 68, Une répétition générale* (com Henri Weber). Paris: Maspero, 1968.

*Le deuxième souffle?: problèmes du mouvement étudiant*. (com Camille Scalabrino). Paris: Maspero, 1969.

### 2o. período:

*Contre Althusser* (colaboradores: Denise Avenas, Jean-Marie Brohm, Alain Brossat, Catherine Colliot-Thélène, Ernest Mandel, Sami Naïr, Jean-Marie Vincent). 10/18. Paris: UGE, 1974.

*Portugal: la révolution en marche* ( com Michael Löwy e Charles-André Udry), Paris: UGE, 1975.

---

<sup>11</sup> Por aqui se trata das obras principais do autor. Há muitos artigos redigidos por Bensaïd que podem ser encontrados em diversas revistas internacionais, especialmente na Europa e na América Latina.

*La Révolution et le pouvoir.* Paris: Stock, 1976.

*L'anti-Rocard ou les haillons de l'utopie.* Paris: La Brèche, 1980.

*Stratégies et Partis.* Montreuil: Presse édition Communication La Brèche, 1987.

*Mai si! 1968-1988, rebelles et repentis* (avec Alain Krivine). Paris: La Brèche, 1988.

*Moi, la Révolution. Remembrances d'une bicentenaire indigne.* Paris: Gallimard, 1989.

### **3o. período:**

*Walter Benjamin, sentinelle messianique.* Paris: Plon, 1990.

*Jeanne de guerre lasse.* Paris: Gallimard, 1991.

*Marx l'intempestif. Grandeurs et misères d'une aventure critique* (XIXe-XXe siècles). Paris: Fayard, 1995.

*La discordance des temps. Essais sur les crises, les classes, l'histoire.* Paris: Les Editions de la Passion, 1995.

*Le Pari mélancolique*. Paris: Fayard, 1997.

*Le retour de la question sociale* (com Christophe Aguiton). Lausanne: Editions Page 2, 1997.

*Lionel, qu'as-tu fait de notre victoire? un an après...* Paris: Albin Michel, 1998.

*Qui est le juge ? Pour en finir avec le tribunal de l'histoire*. Paris: Fayard, 1999.

*Eloge de la résistance à l'air du temps*, entrevista com Philippe Petit. Paris: Textuel, Conversations pour demain, 1999.

*Contes et légendes de la guerre éthique*. Paris: Textuel, 1999.

*Le sourire du spectre*. Nouvel esprit du communisme. Paris: Michalon, 2000.

*Marxismo, modernidade, utopia* ( com Michael Löwy). São Paulo: Xamã, 2000.

*Les Irréductibles*. Théorèmes de la résistance à l'air du temps. Paris: Textuel, 2001.

*Résistances*. Essai de taupologie générale (ilustrado por Wiaz). Paris: Fayard, 2001.



*Karl Marx: Les hiéroglyphes de la modernité.* Paris: Textuel, 2001.

*Les trotskysmes.* Paris: PUF, 2002.

*Le Nouvel internationalisme. Contre les guerres impériales et la privatisation du monde.* Paris: Textuel, 2003.

*Un Monde à changer. Mouvements et stratégies.* Paris: Textuel, 2003.

*Une lente impatience.* Paris: Stock, 2004.

*Fragments mécréants. Sur les mythes identitaires et la république imaginaire.* Paris: Lignes, 2005.

*Présentation et commentaires: Edition critique de «Sur la Question juive» de Marx.* Paris: La Fabrique, 2006.

«Trente ans après: Introduction à l'Introduction au Marxisme», pp. 3-18, préfácio: Ernest Mandel, *Introduction au marxisme.* Bruxelles: Ed. Formation Léon Lesoil, 2007.

*Les Dépossédés. Karl Marx, les voleurs de bois et le droit des pauvres.* Paris: La Fabrique, 2007.

*Un nouveau théologien, Bernard-Henri Lévy.* Paris: Lignes, 2007.

*Eloge de la politique profane*, Bibliothèque Idées. Paris: Albin Michel, 2008.

*1968, fins et suites* (com Alain Krivine). Paris: Lignes, 2008.

«Politique de Marx», in Karl Marx & Friedrich Engels, *Inventer l'inconnu*, Textes et correspondance autour de la Commune. Paris: La Fabrique, 2008.

*Penser Agir, pour une gauche anticapitaliste*. Paris: Lignes, 2008.

*Prenons parti - Pour un socialisme du XXIe siècle* (com Olivier Besancenot). Paris: Mille et une Nuits, 2009.

«Le scandale permanent» in *Démocratie, dans quel état ?*, com Giorgio Agamben, Alain Badiou, Wendy Brown, Jean-Luc Nancy, Jacques Rancière, Kristin Ross e Slavoj Zizek. Paris: La Fabrique, 2009.

«Préface», «Première partie: Marx et les crises» pp. 3-26, «Deuxième partie: Crises d'hier et d'aujourd'hui» pp. 27-72, in Karl Marx, *Les crises du capitalisme* (Texte inédit), édition établie et traduite par Jacques Hebenstreit. Paris: Démopolis, 2009.